

## Representação social da sexualidade entre idosos institucionalizados

### Social representation of sexuality among institutionalized elderly people

Francisco Arnaldo Nunes de Miranda\*  
 Oseias Guimarães de Andrade\*\*  
 Antonia Regina Ferreira Furegato\*\*\*  
 Rosalina Aparecida Partezani Rodrigues\*\*\*\*

\* Doutor em Enfermagem - Interunidades (EERP/USP). Docente Departamento de Enfermagem, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

e-mail: <farnoldo@gmail.com>

\*\* Doutor em Enfermagem Fundamental (EERP/USP). Docente do Dept. de Enfermagem da Universidade Estadual de Maringá (UEM). <oseiasandrade@wnet.com.br>

\*\*\* Livre-docente. Doutora em Enfermagem (USP). Docente do Departamento de Enfermagem Psiquiátrica e Ciências Humanas da EERP/USP.

e-mail: <furegato@eerp.usp.br>

\*\*\*\* Livre-docente. Doutora em Enfermagem (Interunidades) (USP). Docente do Departamento de Enfermagem Fundamental da EERP/USP.

e-mail: <rosalina@eerp.usp.br>

#### Resumo

O presente estudo tem por objetivo identificar as Representações Sociais da sexualidade entre idosos, numa instituição destinada a abrigar pessoas idosas em um município do interior do Paraná. A temática em investigação encontra-se revestida de valoração socialmente negativa. Esta compreensão encerra duas dimensões embrincadas e distintivamente não aceitas, ou seja, as manifestações de sexualidade e o próprio envelhecimento humano. Optamos por utilizar um procedimento projetivo para a coletar os dados. O instrumento utilizado foi inspirado e modificado no Teste de Apercepção Temática (T.A.T.) de Murray (1935) composta de 05 pranchas cujas imagens gráficas retratavam a temática desta investigação. Valemo-nos da "associação de idéias" e da "análise do discurso" para analisar e interpretar os dados. Os resultados apontaram para três aspectos relacionais, entendidos como categorias, sobre a compreensão deste grupo enfatizando o próprio contexto asilar, o processo de envelhecimento e a sua sexualidade.

**Palavras-chave:** Sexualidade. Idosos. Representação social.

#### Abstract

*The present paper purposes to identify the Social Representations of sexuality among elderly patients, in an institution destined to shelter elderly people in a municipality of Paraná. The thematic in investigation is coated of minus socially valuation. This understanding closes two adorned dimensions distinctively non accepted or, the manifestations of sexuality and the proper human aging. We opt for using a projective procedure to data collect. The used instrument was inspired and modified in the T.A.T. (Test of Thematic Apperception) by Murray (1935) composite of 05 plates whose graphical pictures portraied the thematic of this investigation. We value the "association of ideas" and the "analysis of discourse" to analyze and interpret the data. The results pointed to three relationary aspects, understood as categories, on the comprehension of this group emphasizing the proper asylum context, the process of aging and its sexuality.*

**Key words:** Sexuality. Elderly patients. Social representation.

## 1 Introdução: Compreendendo a Sexualidade da Pessoa Idosa

Anterior ao nosso envolvimento mais efetivo com a questão do envelhecimento, no âmbito da esfera profissional da enfermagem, deparamo-nos com um fato que despertou a atenção para esta temática numa instituição destinada a abrigar idosos, em um município no interior do Paraná. Esta situação foi observada quando visitávamos a referida instituição enquanto campo de pesquisa, ensino e extensão, vinculando e promovendo o binômio assistência-docência.

Durante o período de reconhecimento, percebemos uma certa agitação entre as pessoas daquela comunidade. Ao investigarmos melhor o fato fomos informados de que "o Sr. Osvaldo estava gostando da Sra. Antonia". À seguir, o informante complementou com esta informação "isso é um absurdo, onde já se viu um velho namorar aqui no asilo; a diretoria não permite". Ressalta-

se aqui que a idade dos personagens envolvidos nesta cena, em que revela a dramática das suas vidas, gira em torno dos 70 anos.

Acompanhamos o caso durante os dias seguintes. A diretoria daquela instituição propôs a saída do casal e até providenciaria um local para ambos, caso insistissem, persistissem e não desistissem da idéia de ficarem juntos. O local "arranjado" seria uma fazenda pertencente a um dos visitantes regulares dos finais de semana.

Este fato narrado mostra claramente o preconceito para com as manifestações afetivas entre pessoas idosas, deixando transparecer a exclusividade deste sentimento às pessoas mais jovens. Esta conduta do casal, conforme expresso pelos dirigentes, funcionários e alguns internos, deve ser interdita, proibida, condenada e castigada.

A instituição, revestida de plenos poderes, disciplina a conduta das pessoas. Através de seus porta-vozes

mantém esta disciplina mesmo com o discurso de proteção e amparo legal, esquecendo que sua clientela são pessoas históricas enquanto sujeitos psicossociais.

A relação que se observa sugere o controle do corpo, também entendido como espaço da atuação institucional. Estes corpos manifestos pelo desejo de “*namorar*” foge aos princípios socialmente aceitos para a idade avançada. Embora reconheçamos a preocupação atual, com a terceira idade face ao aumento crescente da expectativa de vida do ser humano, essa consciência se apresenta fragmentada e de pouco alcance à população em geral. As informações capazes de gerar uma reflexão sobre a condição sexual da pessoa idosa apresentam-se restritas ao espaço acadêmico, político e econômico de uma forma tímida e insipiente quanto a sua discussão e contribuição efetiva à este segmento social.

A dificuldade em reconhecer a sexualidade na pessoa idosa está assentada em vários fatores valorativos, originados da interpretação sócio-cultural, transformando em mitos associados a corpos perfeitos, esculpido nas academias, ao vigor físico e à juventude. A esta interpretação, associam-se as advindas do conhecimento biológico transformando essa experiência humana em dispositivo de controle social, reforçado pelo sistema de trabalho/produção, delimitando espaços psicossociais para o reconhecimento desta necessidade, enquanto manifestação própria/peculiar do ser humano em todo o seu processo vital.

Butler (1985) afirma que a negação da sexualidade após a idade madura é um reflexo do nosso medo de envelhecer e morrer, o que cede lugar a um preconceito que se chama “*velhismo*”. Consiste na discriminação sistemática contra pessoas idosas na mesma dimensão discriminatória do racismo ou sexismo em que busca dar à cor da pele ou ao sexo da pessoa.

Beauvoir (1986) coloca que o homem não vive nunca em estado natural, tanto na velhice como em qualquer outra idade, o seu estatuto lhe é imposto a sociedade pela qual pertence.

Concordamos que exista tal influência do contexto psicossocial gerador de normatizações sobre a sexualidade, na medida em que traçam perfis diferenciados para comportamentos, de acordo com as faixas etárias do ser humano. Esta estratégia encontra-se em esferas diferentes, contraditórias e excludentes, ou seja, entre o que é constituído como público e privado, traçando e reforçando a questão de gênero que, a seu turno, define o papel do sujeito psicossocial. Dessa forma, estabelece limites da sexualidade demarcando as condições, oportunidades e aceitação entre homens e mulheres.

A sexualidade não pode ser entendida de maneira simplista, passível de regulação, reforçada pelas áreas biológica e psicológica. O seu conceito é entendido como “*dúbio*”, haja visto que as noções tidas como comportamentos sociais, culturais e políticos, modificáveis com o tempo, são componentes que sob influências externas, da qual não se tem controle, reúnem-se em práticas particulares denominadas de sexualidade (FOUCAULT, 1985).

Alterações físicas são mudanças significativas que afetam a auto-imagem e conseqüentemente a auto-estima. Todavia, a manutenção da saúde sexual é possível quando a própria pessoa idosa consegue encarar o binômio velhice-morte como um fato natural da vida. Nesse processo de reflexão pode encontrar os recursos necessários e capazes de oferecer condições de readaptação para as experiências dessa fase específica do viver, incluindo a própria sexualidade.

Com relação aos mitos sobre a sexualidade, Bates-Jensen (1989) elenca aqueles que continuam circulando no espaço da interação psicossocial:

a emissão do sêmen é debilitante; desejos sexuais cessam com a menopausa; a atividade para a pessoa idosa é imoral, anormal e suja; os desejos sexuais e a capacidade física para o sexo automaticamente declinam com a idade; impotência faz parte do envelhecimento; e naturalmente, o sexo é somente para jovens.

O caso relatado no início deste estudo serve de ilustração apontando duas reflexões:

- 1) a não instrumentalização adequada do profissional enfermeiro. Os cursos de graduação priorizam pela atenção o ensino dos conteúdos destinados relativos aos adultos, às gestantes e às crianças; não oportunizam a atenção aos conteúdos destinados à clientela idosa, estando diluído num enfoque mínimo dentro dos programas acadêmicos;
- 2) a dificuldade em reconhecer a sexualidade como uma necessidade da vida humana. Incluindo a sua própria sexualidade, aí não reconhece este campo de atuação no desenvolvimento de sua prática, e portanto, não atua sobre uma proposta que beneficie a saúde sexual das pessoas.

A partir dessas reflexões, percebemos a necessidade do profissional enfermeiro despertar para a conscientização dessa problemática. Com a finalidade de contribuir para minimizar a distância da enfermagem com esta questão decidimos investigar o fato que ora se apresenta, seguido do “*insight*” oriundo relatado sobre a sexualidade da pessoa idosa no contexto institucional.

Assim sendo, o objetivo do artigo é o de conhecer e tentar compreender alguns aspectos da sexualidade da pessoa idosa, como uma realidade que se apresenta inserida no dia-dia da prática profissional da enfermagem.

## 2 Percorso da Investigação

Adotamos a Teoria das Representações Sociais (MOSCOVICI, 1978) com o intuito de compreender como as informações circulantes agem sobre as manifestações de sexualidade em pessoas idosas institucionalizadas, a partir do seu próprio ponto de vista, são estruturadas.

Entendemos que a Teoria das Representações Sociais (TRS) oferece enquanto recurso teórico-metodológico a compreensão desse fato que a seu turno é entendido, encarado, vivido e compartilhado quanto à opinião, crença, imagem, atitude e estereótipo sobre si e seus pares.

Moscovici (1978) levanta a hipótese para o processo de produção das Representações Sociais (RS), ou seja,

ela é “*produzida, engendrada coletivamente*” na medida em que circulam, cruzam-se e se cristalizam incessantemente através de uma “*fala, um gesto, um encontro em nosso universo cotidiano*”. Explica o constante movimento dos sujeitos psicossociais na apreensão das informações circulantes como meio de sobrevivência, critério que lhes possibilita adaptar-se às modificações geradas pelo excesso informações geradas dos processos de comunicação. Nessa perspectiva, as RS surgem da necessidade de se compreender o que é estranho, constituindo nisso sua função principal. Este dinamismo atende a objetivos específicos, gerados por situações em que se destaca o **interesse, desequilíbrio e controle**, quer ao nível individual e ou coletivo.

Kaés (1994, apud JOVCHELOVITCH; GUARESCHI, 1994) e Vaisberg (1995) concordam que ao se estudar as RS numa abordagem psicodinâmica, a ênfase é dada à atividade simbólica, entendida como um meio de compreender a sua constituição, elaboração, manutenção e/ou transformação. Este processo encerra fatores determinantes tais como angústias, defesas, elaboração imaginativa e a relação objeto.

Adotamos tal perspectiva face à utilização do procedimento metodológico com técnica projetiva. Os autores citados concordam que a apreensão de uma RS relaciona-se com a capacidade de “*brincar*” com significados. Nesta visão, as regras são similares tanto no jogo como no processo de trabalho contendo as atividades onírica, psíquica e inconsciente. Nesse sentido, as RS são remetidas ao espaço de “**transicionalidade**” defendida por Winnicott (1978) que em certa medida encontra-se implícita nos estudos de Moscovici [A Representação Social da Psicanálise, 1961] quando estabelece que dentre as funções das RS destaca-se a que procura tornar “*algo desconhecido em familiar*”, entendido como espaço da “**alteridade**”.

Em ambos os espaços o que se objetiva é minimizar a angústia existencial característica da condição humana (VAISBERG, 1995). Ainda podemos inferir que nestes espaços as diversidades da vida cotidiana se confrontam, possibilitando a recriação da realidade, com a intenção da adaptação compartilhada buscando compreender aquilo que se apresenta “*estranho*” a si mesmo e ao grupo de pertença. Este movimento de adaptação, na busca do equilíbrio, se dá intermediada pela encontro da subjetividade de seus sujeitos psicossociais.

A evidência dessa estruturação compartilhada pelos sujeitos psicossociais nas suas múltiplas interações sociais é passível de apreensão pela própria RS emergente da dimensão simbólica que intermedia os processos de elaboração individuais e coletivos.

Para compreendermos a manifestação simbólica acerca da questão que ora se apresenta, adotamos um procedimento técnico-metodológico embasado nas técnicas projetivas, por ser um assunto revestido de valores socialmente identificados como preconceitos, mitos, “*safadeza*” e outras denominações que mascaram a expressão dessa realidade.

Nas técnicas projetivas encontramos possibilidades de ingressar no universo da elaboração simbólica com uma comunicação indireta cujas perguntas encontram-se descontextualizadas permitindo respostas menos racionalizadas e por conseguinte, mais próximas da realidade subjetiva do pesquisado.

Utilizamos um procedimento projetivo modificado e inspirado no T.A.T. de Murray (1935),<sup>1</sup> constituído de pranchas contendo cenas que envolvem possíveis situações de manifestações afetivas entre pessoas idosas conforme apresentados na discussão e análise dos dados.

O instrumento foi aplicado com quatro sujeitos com idade igual e/ou superior a sessenta anos (60), distribuídos eqüitativamente entre os sexos, residentes de uma instituição de abrigo à idosos[asilos], em um município do interior do Estado do Paraná.

As pranchas foram apresentadas uma a uma, individualmente ao idoso, sendo solicitado ao mesmo que relatasse sua impressão sobre cada uma delas. As falas foram gravadas em fita cassete, respeitadas as condições e implicações éticas e morais pertinentes a este procedimento, enquanto pesquisa.

Para análise e interpretação dos dados estabelecemos um roteiro priorizando a captação dos elementos discursivos dos sujeitos psicossociais, tomando como pano de fundo a “**associação de idéias**” e “**análise do discurso**” (SPINK, 1994). A roteirização adotada obedece os seguintes passos:

1. Transcrição da entrevista;
2. Leitura/escuta flutuante do material observando os temas emergentes e o investimento afetivo;
3. Definição das dimensões de análise;
4. Mapeamento das relações entre os elementos cognitivos, as práticas e os investimentos afetivos dentro de um conjunto coerente e significativo.

### 3 Apresentação e Análise dos Resultados

O presente trabalho aponta três enfoques que caracterizam a condição da população investigada. Ao expressar-se frente ao instrumento desta investigação o idoso institucionalizado representa, além do objetivo pretendido, um sentido de orientação para a realidade concreta do contexto asilar que está condicionado a sua atual situação física de sujeito envelhecido, portanto à margem da sociedade, dos meios de produção e do seu próprio desenvolvimento biopsicosocial, enquanto etapa do processo vital do ser humano.

Nessas circunstâncias, o valor psicossocial atribuído à sexualidade é confrontado com suas recordações positivas estando às vezes ligadas as dificuldades inerentes a sua condição sócio-econômica.

O investimento afetivo favorável a sexualidade nessa atual situação, passa impreterivelmente pelo viés desse acomodamento físico que a instituição propicia. Nesse sentido, sugere uma associação ou uma parceria entre o envelhecimento e o contexto asilar, a priori, e ainda entre o envelhecimento e a sexualidade.

Os significados socialmente compartilhados por

Para melhor compreensão consultar: ANZIEU, D. *Os métodos projetivos*. Rio de Janeiro: Campus, 1984.

este grupo são evidenciados através das recordações positivas, estabelecendo uma zona de alteridade e conflito individual e coletivo.

Para melhor entendimento da sexualidade do idoso institucionalizado apresentamos os temas que emergiram dos dados coletados, priorizando a percepção voluntária atribuída por este grupo.

### 3.1 Contexto asilar

Observamos uma representação contraditória entre os sujeitos quanto ao contexto asilar, os quais emitem um posicionamento às vezes favorável e /ou desfavorável no tocante à sua condição de residente asilar.

A condição asilar submete o sujeito a uma perda da identidade, obrigando-o a readaptar-se à uma nova realidade que freqüentemente é comparada pelas suas recordações remanescentes do convívio familiar. Esta nova realidade revela, sob certa medida, o abandono dos sujeitos por seus familiares, passando a viver na expectativa e dependência da caridade alheia, manifesta pelos visitantes ocasionais.

Afora o convívio entre os sujeitos asilares revelam um distanciamento entre si e o outro; esta atitude é interpretada por eles mesmos, como necessária para se manter na instituição mediada por relações conflituosas entre alguns profissionais, mesmo que estas relações profissionais sejam passíveis de despertar medos e angústias.

O espaço asilar pode ser encarado como um lugar compartilhado entre seus sujeitos os quais à seu modo, regulam sua condição, estando às vezes, situada entre o bem e o mal. Por outro lado, pode ser entendido como a melhor situação possível para manter a vida metaforicamente entendida ora como um *"paraíso"*, ora como um lugar de espera da *"morte"* e *"inferno"*. Este espaço destinado àqueles que estão no fim da vida e sua esperança reside prioritariamente no aspecto religioso, na evocação da figura de Deus.

Há um consenso da limitação que é reduzida quando comparada ao convívio familiar. Por revelar a redução da condição de cidadãos nesse espaço, enquanto liberdade de ir e vir, às vezes, sentem-se valorizados quando oportunizados pelas escassas visitas e suas conversas entre os visitantes e os profissionais.

Para alguns a dramática de sua vida pessoal revela muito sofrimento. Assim, este espaço pode ser uma forma de aliviar seu problema de moradia e atenção, mesmo que para isso tenha que se adequar às circunstâncias e às experiências desse contexto institucional.

### 3.2 Envelhecimento

O envelhecimento é entendido como uma etapa final da vida do sujeito psicossocial em que as alterações físicas são enfatizadas enquanto característica mais marcante dessa fase. Há um estatuto socialmente aceito e compartilhado pelo idoso que diz respeito a sua capacidade de armazenar informações sobre a vida, revelando um conhecimento peculiar que à seu turno é compreendido como uma pessoa capaz de dar conselhos. É considerado sábio diante da vida, revelado por sua cotidianidade, sendo este um fator gerador de

confiança e reconhecimento na palavra expressa por esse sujeito.

Ao idoso cabe o papel de sábio, confidente e conselheiro atributos que o enobrecem. Observa-se que a capacidade de aconselhamento é tida como algo valorizado positivamente pois a evidência de um conhecimento informal, amplo e particular dá estrutura à esse grupo na medida em que as fases anteriores da vida de cada sujeito, delegaram algum tipo de conhecimento. Dessa forma, aceita-se seu domínio empírico sobre várias condições particularizadas da vida nos vários estágios dessa evolução.

O estatuto do idoso institucionalizado mantém-se garantido na medida em que possibilita o seu aceite na instituição, bem como a transmissão desse tipo de conhecimento informal quando oportunizados por experiências com grupo de sujeitos mais jovens em ocasiões especiais (visitas de pessoas nos finais de semana e ainda, pela presença de alunos em campo de estágio e/ou visita).

Se por um lado, o fato de envelhecer garante um papel a ser desempenhado socialmente na terra, por outro, há uma aproximação com a consciência religiosa e mítica, no sentido de que Deus é um alento e uma esperança na remissão de suas possíveis faltas. Esta interpretação oportuniza o usufruto de condições favoráveis enquanto recompensa pelos sofrimentos, desgostos e decepções.

Esse movimento reflexivo, parece reforçar a consciência da finitude da sua condição humana estando, portanto, próximo a uma experiência temida em todo o seu processo vital. Sua avizinhança é amenizada por suportes religiosos. Outras palavras, a morte constitui-se numa ameaça freqüente que ronda suas vidas nesse contexto institucional, onde a doença é um fato concreto, evidente e verdadeiro.

A observação da morte, vivenciada na experiência dos outros companheiros, decorrente do compartilhar esse espaço e, associada a consciência de que a sua própria também é um fato real, leva este sujeito ao encontro da transcendência, através da imagem de Deus. Em seus discursos observamos esse binômio, Deus/paraíso contrapondo-se a vida/inferno. Nessas categorias a concretude do dia-dia de sua experiência de viver e sua inserção no contexto asilar revelam-se ambivalentes face à compreensão particular de cada um estando a vida associada ao inferno de sua própria vida anterior bem como esse momento na instituição. A condição suportiva para essa evidência tem no binômio Deus/paraíso o sustentáculo para o aceite de sua real condição enquanto idoso e suas implicações contextuais.

A presente pesquisa, focalizou um grupo de pessoas e sua atual condição, que sob certa medida reforça esse saber informal, traduzido por sua condição de idoso. Cada pessoa vivenciou uma experiência de vida particularizada e fragmentada e apresenta esta singular experiência de cada sujeito investigado. Nesse sentido, ao relatar sua sexualidade, entende sua participação neste estudo como uma valorização por ser ele um sujeito capacitado para opinar com a propriedade e a

segurança de um conhecedor, dizendo não ser oportuno investigar nos jovens pois estes ainda não passaram por experiências de vida iguais a sua.

O entendimento sobre o que revelam os dados possibilita o reconhecimento do foco dessa investigação. Por um lado, reforçam o saber informal do idoso por ser conhecedor das múltiplas faces de uma realidade vivenciada, conferindo uma experiência que o qualifica para responder a este questionamento apresentando um conhecimento considerado verdadeiro e estruturante para esse grupo. Por outro lado, as particularidades de cada um dos sujeitos investigados, apresenta diferenças nas maneiras individualizadas de viver. Diferenças regionais e culturais são observadas em seus discursos, sem que essa mesma diferenciação prejudique a estruturação e o entendimento do objeto de investigação.

Mesmo reconhecendo a sexualidade do idoso enquanto questionamento, eles precisam expressar, de forma meio escamoteada, a dificuldade em manifestar o desejo de partilhar satisfatoriamente desse estímulo quer em relação a manifestação e prática da sexualidade, quer no sentido de responder ao instrumento. Nesse sentido, há uma preocupação em dizer de antemão que a diminuição da acuidade visual é uma realidade concreta assim sendo a sua percepção pode ser atribuída metaforicamente num movimento defensivo. Olhar e não ver, como algo possível agora, é uma estratégia que permite falar em termos de uma realidade passada, visto que não há o risco de pecado e julgamento moral. O seu estatuto facultava-lhe o ingresso nesse universo sem o peso da reprovação. A percepção se volta para a compreensão e o ocultamento do objeto dessa investigação em que diante das "cenas da vida" a pessoa idosa e institucionalizada se orienta em busca da consciência religiosa numa tentativa de afastamento da noção de pecado. Acreditamos ser um conceito bastante arraigado nesse grupo face a múltiplos fatores religiosos e sócio-culturais envolvidos. A evidência do fragmento da noção de culpa e pecado é revelada mas deve ser resgatada pela contemplação e adoção da religiosidade como um fator remissivo dessa influência.

A doença e a velhice determinam sua inserção nesse contexto institucional, além de situações particularizadas e individualizadas que revelam de alguma forma, o distanciamento preterido por laços familiares, dando ao indivíduo e ao grupo uma unidade de resignação e aceitação dessa realidade. A velhice e a doença estabelecem uma categoria de aceitação e orientação para si próprio, tendo como garantia sua presença na instituição asilar.



Antes de analisarmos o terceiro enfoque destacamos alguns comentários que emergiram das manifestações discursivas acerca da percepção do idoso institucionalizado frente ao contexto asilar e o seu processo de envelhecimento como uma condição de isolamento e abandono. Nesse sentido, o desenho Nº 4 facultou a revelação desse entendimento quando solicitado a se descrever e a se identificar, conforme quadro abaixo.

DESCRIÇÃO	IDENTIFICAÇÃO
"uma recordação"	"dependente"
"lembrando do tempo"	"precisando de"
"perguntando algum passado"	clamando uma coisa qualquer"
"tempo de adolescência"	"ensinando remédio(...) natural"
"um asilado qualquer"	"numa expectativa"
"a casinha da gente"	"esperando por Deus"
"que existia mulher, que existia filho, existia um lar"	"pensando na pessoa que vem conversar com ele"
	"pensando na vida"
	"já tá condenado a morrer"

### 3.3 Sexualidade

Nesta categoria, adotamos, a análise por prancha que cada uma contém mensagens sobre a sexualidade do idoso, noutras palavras, respostas codificadas sobre o tema em questão. Nesse sentido, o enfoque e o estímulo direcionam a manifestação discursiva do entrevistado, estando às vezes associados ao contexto asilar e ao processo de envelhecimento.

Sobre o **DESENHO Nº. 1**, encontramos as seguintes manifestações:



- “... eles aí não deve tá com maldade nenhuma...”
- “... casal não é...”
- “... deve estar desejando um bem pro outro...”
- “... tá numa posição de coração bom...”
- “... casal não sei...”
- “... às vezes são casal casado...”
- “... tá bonitinho os dois aí...”
- “... um casal que se dão bem...”
- “... um casal que se une bem...”
- “... o velho também namora...”
- “... combina a vivência deles...”
- “... tô vendo aí um amor de bondade...”
- “... caso até mesmo de amor...”
- “... se gostando e aproveitando a oportunidade prá conversar...”
- “... uma felicidade de amor...”
- “... todo mundo gosta até os mais velhos...”

Prevalece a noção e a aceitação de casal, mas **um casal casado**. Significa dizer que essa união é estabelecida por normas aceitas pela sociedade onde estão inseridos e, dessa forma, a prática e demais manifestação da sexualidade são valorizadas positivamente.

Essa noção é um critério para alguns emitirem julgamentos de que a cena revela uma situação não compatível com a noção socialmente A noção de casal, no sentido favorável é percebido por homens e mulheres, enquanto complementaridade básica à condição de casal. Há o entendimento de que o idoso também pode formar um casal, porém diferenciado do modelo de casal mais jovem. Parece sugerir que o envolvimento e a

concepção de casal idoso é algo próximo a transcendência, mais sublime e verdadeiro enquanto respeito mútuo.

Deixam antever que os arroubos da juventude comprometem o sentimento e a noção de casal. Possivelmente suas próprias experiências passadas tenham influenciado nesta orientação de sentido com vistas à essa nova concepção de casal. Também podemos supor que essa compreensão revela um saber sobre a convivência à dois enquanto experiência individualizada e compartilhada por todos em suas próprias especificidades de vida. A união revelada pela condição de casal faculta um relacionamento amistoso, cordato e compartilhado prevalecendo a bondade e o companheirismo nessa fase tão difícil.

Essa noção é um critério para alguns emitirem julgamentos de que a cena revela uma situação não compatível com a noção socialmente aceita para o casal inclusive com sexo invisível. Nessa percepção, a compreensão da sexualidade é deslocada para as práticas consideradas ilegítimas, portanto, não aceitas, algo permitido pela prostituição.

Das falas do **DESENHO Nº 2**, destacamos abaixo:



- “... pode não ser marido...”
- “... esse não é marido dela...”
- “... pedindo uma ajuda a ela...”
- “... ele procurou ela...”
- “... engraçou e achou que devia também bater um papo...”
- “... provocando perto do velho...”

Essa concepção de sexualidade traz consigo a noção de infidelidade, provocação, assédio e prostituição, sendo esta uma condição aceita por revelar a necessidade das manifestações da sexualidade.

Noutro extremo, prevalece a noção do “casal casado”, observado no desenho anterior, enquanto atributo necessário para a sexualidade. A oposição entre estas duas percepções revela um certo **sentido de complementaridade** cuja satisfação da necessidade sexual é determinada por circunstâncias específicas, sem que pese sobre os envolvidos uma desaprovação para a conduta adotada.

O desenho **DESENHO Nº 3** apresentado na prancha revelou as seguintes manifestações sobre a sexualidade



“... essa senhora tá admirada desse senhor...”  
 “... os dois estão brincando de cavucar terra...”  
 “... tá muito duvidoso...”  
 “... essa aqui é uma mulher galho de rosa...”  
 “... ele tá querendo cantar a mulher...”  
 “... a mulher também com desejo...”  
 “... um velho feio desse querendo namorar uma moça bonita...”

Prevalece uma tendência em desvalorizar a figura do velho como alguém imoral, perverso, tarado, safado e inescrupuloso. Nessa abordagem, a figura da personagem velha também se inscreve nessa compreensão na medida em que ambos, apresentam um desejo para atender as manifestações da sexualidade. Sugere que nessas circunstâncias a brincadeira, algo próximo as regras do jogo, deva ser uma estratégia eleita para se posicionar frente à prática e à realização sexual, uma vez que as limitações físico-químicas de sua estrutura corporal são reais e verdadeiras quando comparadas com as etapas anteriores do seu ciclo vital.

**O DESENHO Nº 5 facilitou a expressão de sentimentos contraditórios.**



“... ele deve ser capanga dessa...”  
 “... ela não é mulher pra ele de namoro, isso não...”  
 “... significa qualquer coisa de...”  
 “... ela não tem capacidade de se r dele não, só se for filha...”  
 “... ele não quer ela pra ele...”  
 “... aqui tem uma faceirona...”  
 “... um amor clandestino...”  
 “... ela tá regateirinha e ele todo fresquinho...”  
 “... pedindo ela em amor...”  
 “... ela tá se entregando aí...”  
 “... isso daí é um caso mesmo...”  
 “... ela subindo a pressão, ele também...”  
 “... eles estão com coisa...”  
 “... tão querendo namorar os dois...”

Sob esse estímulo prevalecem duas noções contraditórias que revelam ao idoso a presença e o sentido de sexualidade no modelo que estrutura suas experiências pessoais. De um lado, há a aceitação da sexualidade enquanto manifestação heterossexual, ou seja, entre o homem idoso e uma mulher mais jovem. Esta aceitação trás no bojo toda uma articulação sócio-histórica sobre a definição dos papéis sexuais no contexto atual. Também é verdadeiro que essa relação entre personagens com idades diferentes apresenta em comum um ato e uma intenção onde a diferença de idade estabelece espaços de interesses para cada um dos envolvidos.

Para o personagem idoso há a percepção de um sentimento de aproximação amorosa para com a personagem feminina; para esta, há uma relação de dominação por usar e reconhecer essa possibilidade em troca desse sentimento. Assim, estabelece um contrato empírico de barganha, algo próximo à marginalidade em que prevalecem a posição de poder e autoridade conferidas por esta situação de interesse, embora que diametralmente opostos quanto ao conteúdo desse mesmo interesse. Nesta perspectiva, há valorização e aceitação para tal inversão de dominação por parte do personagem idoso, contraditoriamente à compreensão teórica sobre a divisão social e sexual dos papéis definidos para cada gênero. Nesse sentido, somente com a idade avançada é possível assinalar essa inversão, levando-se em conta as limitações do personagem idoso fazendo-o aceitar esta reordenação do poder na esfera da privacidade. Chamamos a atenção para a construção da prancha que sob certa medida oportunizou essa compreensão por apresentar uma cena freqüentemente observada socialmente.

Prevalece de forma duvidosa a noção de que o idoso está sendo objeto de manipulação por parte de uma mulher mais jovem. Em certo momento, nega-se a sexualidade reconhecendo, nesta cena, um relacionamento filial que se contrapõe ao relacionamento heterossexual e marginalizado, que pela força do próprio discurso não reconhece, nessa possibilidade, uma certeza sobre esse sentimento favorável.

A freqüência para este mesmo estímulo visual revela a noção de “maldade” enquanto característica peculiar e inerente à mulher. Essa vipsão confronta-se com fragmentos do estereótipo que foi montado historicamente

sobre a figura da mulher, taxando-a de elemento inferior, demoníaco, luxuriante capaz de corromper a nobreza de espírito do homem. Nessa estratégia, a mulher manifesta seu poder sobre o homem idoso usando como arma seus atributos físicos e sua jovialidade enquanto elemento de troca e barganha para assim poder manipulá-lo e obter um poder sobre o mesmo fazendo com que atenda as suas determinações emanadas dessa nova consciência dominadora. Face à esta percepção, a mulher é “*uma faceirona*”, “*mulher de carvão*”, “*assanhada*” entre outros termos pejorativos associados ao posicionamento físico entre os personagens na cena em estudo.

Observamos que a noção da sexualidade com carinho, satisfação e aceitação entre os personagens com diferença de idade, aponta para um sentido de complementaridade por ser um fato freqüentemente mais aceito, em que há o envolvimento amoroso de um homem mais velho com uma mulher mais jovem. Nesse sentido, também parece verdadeiro que para mulheres revestidas de estigma por seu comportamento social e sexual encontra nesse envolvimento a oportunidade sublimadora para sua condição por ser-lhe facultado um resgate de uma condição considerada amoral.

O preconceito da sexualidade das pessoas idosas segundo Motta (1996) recai sobre que ela chamada da “dilapidação cotidiana do corpo humano diferenciada não apenas por classe e idade, mas também segundo o gênero”. Sua aceitação social é vislumbra através de perspectivas diferenciadas

ainda com alguma raridade, o amor ‘tardio’ acontece – aos homens. Velhos ainda podem iniciar uma relação amorosa. (Com mulheres mais jovens ‘naturalmente’). Velhas, quando muito podem ter um antigo amor cristalizado, ou até congelado no casamento.

#### 4 Considerações Finais

Dos três temas o contexto asilar, o envelhecimento e sua sexualidade depreendemos a dificuldade que o idoso enfrenta com a soma de preconceitos e entraves decorrentes a sua condição atual.

Nossa preocupação como profissionais está voltada para a compreensão da sexualidade presente no cotidiano dos idosos institucionalizados e de suas possíveis manifestações.

O enfermeiro deve primeiro conhecer seu próprio julgamento sobre a instituição, a velhice e a sexualidade e assim poder através desse conhecimento intervir sem preconceito. Uma vez que as ações de enfermagem deve estar voltadas para ajudar o idoso a lidar com suas próprias realidades e os demais a compreenderem as realidades do outro pois é naquele contexto que ocorrem todas essas representações.

#### Referências

- BATES-JENSEN, B. M. Sexuality and the elderly. *J. Enterostomal Ther.*, Evanston, v. 16, n. 4, p. 158-163, Jul./Aug. 1989.
- BEAUVOIR, S. de. *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BUTLER, R.N. *Sexo e amor na terceira idade*. São Paulo: Summus, 1985.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- JOVCHELOVITCH, S.; GUARESCHI, P (Org.). *Textos em representações sociais*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- MOSCOVICI, S. *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- MOTTA, A.B. Recontando o tempo de madureza. In: KHOURY, M.G.P. et al. (Org.). *Cultura & Subjetividade*. João Pessoa: Ed. da UFPB, 1996.
- SPINK, M.J. O estudo empírico das Representações Sociais. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da Psicologia Social*. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 85-108.
- VAISBERG, T.M.J.A. O uso de procedimentos projetivos na pesquisa de representações sociais: projeção e transicionalidade. *Boletim de Psicologia-USP*, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 103-127, 1995.
- WINNICOTT, D.W. *Objetos e fenômenos transicionais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.